



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 14 | Nº. 26 | Jan./Jun. de 2022

José Antônio da Silva Neto

Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

jdasilvaneto4@gmail.com

Viviane Gomes de Ceballos

Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

vgceballos@gmail.com

O CINEMA COMO SIGNO DE PROGRESSO: a atividade cinematográfica e seu efeito modernizante em Cajazeiras-PB (1905-1945).

RESUMO

No presente artigo, analisamos de que modo o processo de modernização que a cidade de Cajazeiras-PB vivenciou no início do século XX, esteve relacionado com a presença do cinema na cidade.

Palavras-chave: Cinema. Modernização. Cajazeiras.

CINEMA AS A SIGN OF PROGRESS: the cinematographic activity and its modernizing effect in Cajazeiras-PB (1905-1945).

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss the importance of the Cinema for the modernization and growth of the city of Cajazeiras during the 20th Century.

Keywords: Cinema; Modernization; Cajazeiras.

Introdução¹

A região que atualmente corresponde à cidade de Cajazeiras² apresentava, desde o século XIX, importantes atividades comerciais em seu território. A cidade originou-se de uma data de Sesmaria de 1765 que foi concedida à Luís Gomes de Albuquerque, pai de Ana Francisca de Albuquerque, que se casaria com um homem chamado Vital Rolim. Do matrimônio entre os dois, nasceu Inácio de Sousa Rolim, que se ordenou padre em Olinda e retornou à fazenda materna para fundar um colégio, em 1843. A fundação desse colégio, responsável por atrair discípulos advindos de outras localidades da região, somada à criação de uma capela e de um açude dentro das terras da fazenda dos Rolim, estimulou o povoamento da localidade e o surgimento de uma área urbana.³ Em 1863, este embrião urbano se transformou em município, cuja sede se torna Vila e é desmembrada de Sousa. Depois de quatorze anos, em 1876, a vila foi elevada à condição de cidade e batizada com o nome de Cajazeiras (SILVA FILHO, 1999, p. 301).

Antes mesmo da emancipação política, aquele núcleo de povoamento se desenvolvia a partir da realização das primeiras feiras, estabelecendo importantes vínculos comerciais dentro da Paraíba com municipalidades vizinhas, entre elas Sousa e Pombal, e fora do estado, com cidades do Ceará e do Rio grande do Norte, estimulando assim o crescimento urbano. Em 1904 a cidade vem ser beneficiada com a Lei Nº 216 de 10 de novembro que, com o intuito de combater os efeitos da seca na região, determinava que 20% das receitas municipais deveriam ser destinadas à execução de obras públicas, como a criação de açudes, aquisição de melhores

¹ Este artigo é uma adaptação revisada dos resultados apresentados na monografia *Cinema e sociabilidade: uma história das relações sociais promovidas pelo cinema em Cajazeiras-PB (1950-1980)*, defendida, em 2021, no curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras-PB.

² Cidade localizada no sertão paraibano. Possui uma população atualmente estimada em cerca de 61776 mil habitantes. O município ocupa uma área de aproximadamente 565,90 km² e situa-se a cerca de 468 km da capital do estado, João Pessoa. Foi politicamente emancipada em 22/08/1863. Cf.: PREFEITURA DE CAJAZEIRAS. **Dados do município**. Disponível em: <https://cajazeiras.pb.gov.br/omunicipio.php>. Acessado em: 06/03/2021, as 20h22min.

³ De acordo com Silva Filho (1999), “O crescimento físico da cidade se deu segundo ruas ortogonais (que formam ângulos retos, de 90), a partir do Açude Grande. A primeira casa contruída ficava próxima ao Açude. Era a casa da Fazenda. Os lotes da área urbanizada (lotes de cerca de 4 a 5 metros) foram definidos segundo o retângulo de cada quadra, e, as casas, alinhadas ao nível da rua [...] A forma pela qual as ruas eram dispostas se davam por casas contíguas, conjugadas, com lotes pequenos em sua largura e bem compridas, estreitas. Os sobrados ocupavam a mesma largura dos demais lotes”. Cf.: SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. p. .301-302.

sementes para a agricultura, arborização da cidade, construção de prédios públicos, calçamento, iluminação urbana, entre outras melhorias (SILVA FILHO, 1999, p. 284-5).

Esses recursos eram administrados pelo prefeito de cada município e o órgão responsável era a Caixa Municipal⁴. Antes da realização destes investimentos e da execução das obras, as cidades do interior sofriam com dificuldades em contornar o problema das secas. De acordo com o historiador Osmar Luíz da Silva Filho (1999), durante esse período, Cajazeiras era um município que não contava com grandes dívidas passivas nem ativas, a agricultura se desenvolvia junto com o comércio, os serviços públicos estavam em ordem, eram construídos prédios públicos e realizadas outras obras de melhoramento do espaço urbano, fazendo com que a cidade adquirisse novas formas e feições. Os investimentos realizados permitiram um melhoramento nas técnicas agrícolas, possibilitando a ampliação da cultura algodoeira no município. A exportação do algodão e a pecuária correspondiam às principais atividades econômicas das cidades paraibanas, incluindo Cajazeiras (SILVA FILHO, 1999, p. 285-9).

Os dados apresentados por Silva Filho (1999), que o principal motor do desenvolvimento econômico da cidade de Cajazeiras, durante a primeira metade do século XX, consistia no cultivo e comércio do algodão. Essa cultura produziu importantes riquezas, gerando recursos que eram investidos em melhoramentos e inovações no aspecto material da cidade (SILVA FILHO, 1999, p. 288). Esse processo estimulava a circulação de dinheiro, o que possibilitou a abertura de novas casas comerciais, proporcionando ares de progresso e desenvolvimento (SILVA FILHO, 1999, p. 192).

O algodão que crescia nas fazendas de homens como os coronéis Joaquim Peba, Sabino Rolim e o major Galdino Pires⁵, possuía raízes fortes o bastante para metamorfosear as estruturas da cidade, seu aspecto visual e seu ritmo. A riqueza

4 De acordo com Silva Filho (1999), esse dispositivo foi criado pelo Tesouro do Estado, com o recolhimento de 20% sobre a receita dos municípios e o posterior repasse àqueles que efetuassem melhoramentos locais. Consistia, basicamente, em uma reserva dos recursos arrecadados dos municípios, que posteriormente contribuiria, graças ao repasse aos mesmos, com melhoramentos urbanos e econômicos (construção de açudes, arborização urbana, melhoramentos de estradas, construção de cisternas, calçamento de ruas, iluminação pública etc.), promovendo, então, o desenvolvimento dessas municipalidades (SILVA FILHO, 1999, p. 284-285).

⁵ Os homens citados foram importantes produtores de algodão presentes em Cajazeiras, cujas atividades comerciais colaboraram para o desenvolvimento econômico e material da cidade. Cf.: SILVA FILHO, Osmar Luiz da. Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno... *Op. cit.*

produzida pela cultura algodoeira vertia prodigamente em direção à cidade, que proporcionava novidades capazes de orientar as trajetórias dos cidadãos por entre veredas ainda não sonhadas. Os compradores se deslocavam entre bancas e bodegas, ficavam absortos em meio ao movimento que se tornava maior a cada dia, entre os passos que se guiavam em busca de utensílios de primeira necessidade e alimentos. Tinham, também, aqueles que, assim como os que deixavam-se encantar pelas vitrines, apreciavam roupas e utensílios da moda.

De acordo com Silva Filho (1999), o desenvolvimento econômico promovido pelo algodão durante as décadas de 1920 e 1930 marcou um processo de transição inédito na cidade de Cajazeiras. O progresso material e econômico trouxe a estas terras os primeiros ares de modernidade, a inquietação da mudança, das novidades cada vez mais interessantes que transtornavam a curiosidade popular. Naquele momento, inovação e tradição coexistiriam no mesmo espaço. Portanto, podemos afirmar que a Cajazeiras que se redesenhava no início do século XX, incorporava em si uma série de elementos e características que atestavam o processo de modernização e urbanização pelo qual passava, ou seja, a cidade adquiria signos de modernidade (CEBALLOS, 2018, p. 151).

Entre esses signos, podemos citar como exemplo a presença na cidade de novas casas comerciais, responsáveis por alterar a estrutura física das ruas antes monótonas, por diversificar o panorama urbano e apresentar novos elementos ao olhar dos transeuntes, que agora poderiam ter contato com mercadorias vindas de capitais como João Pessoa, Recife e Fortaleza. Essas mercadorias vinham embaladas com o signo do progresso (SILVA FILHO, 1999, p. 293).

Um dos fatores que mais colaboraram para o crescimento e diversificação das atividades comerciais em Cajazeiras, foi a presença de ferrovias no interior da Paraíba. Graças a este novo transporte as trocas comerciais e culturais entre as cidades do interior e as capitais se fizeram de modo mais rápido e dinâmico. O sentimento de modernidade parecia acompanhar os trilhos das locomotivas. Transportados de capitais como João Pessoa, Recife e Fortaleza, as revistas, jornais e novas mercadorias que aportavam em Cajazeiras se incorporavam à rotina da cidade, exercendo fascínio entre os cidadãos durante os anos de 1920 (SILVA FILHO, 1999, p. 294-295).

A linha férrea permitiu uma maior circulação comercial entre os municípios, assim como proporcionou a circulação de informações através de jornais e revistas

vindas de outras partes. Embora entre as décadas de 1920 e 1930, Cajazeiras já possuía uma importante produção local de periódicos. Entre eles podemos citar *O Pátria Jornal*, *O Rebate*, *O Sport*, *O Rio do Peixe* e o *Estado Novo* (SOUZA, 1981, p. 187 – 189 *apud* ROLIM, 2010, p. 59-60). Esses jornais, que circulavam entre leitores cada vez mais informados, traziam à tona temas que interessavam a população.

Esses periódicos e publicações, muitas vezes revelavam aspectos do cotidiano, notas sociais, eventos políticos e publicidades diversas que nos permitem vislumbrar alterações sensíveis vivenciadas pela população cajazeirense no início do século XX, quando as mudanças pelas quais a cidade passava começaram a ser discutidas, gerando debates que exaltavam o ânimo e as opiniões de muitos. A partir desses impressos, podemos entender que a população da cidade, ou parte dela, uma parte seleta, fluente no linguajar da modernidade e no manejo das letras, formada por jornalistas, comerciantes, entre outros, reivindicavam para Cajazeiras um *status* de ambiente moderno ou em processo de modernização.

Entre os novos elementos que se fizeram presentes no cotidiano da cidade de Cajazeiras a partir da primeira metade do século XX, podemos destacar o cinema como um dos mais importantes. Esse novo veículo promotor de lazer e entretenimento logo se instituiu como uma das principais atrações da cidade, cativando um público amplo e diverso. Apresentaremos a seguir uma breve história da presença do cinema em Cajazeiras.

Uma cronologia das origens da exibição cinematográfica em Cajazeiras durante a primeira metade do século XX

As menções mais antigas indicando a presença do cinema na cidade de Cajazeiras datam do início do século XX, por volta de 1905. Ou seja, apenas dez anos após a criação do cinematógrafo pelos irmãos Lumière⁶, em Paris, e poucos anos após a primeira exibição pública de cinema na Paraíba, ocorrida durante a Festa das

⁶ Os irmãos franceses Auguste e Louis Lumière foram os responsáveis, em 28 de dezembro de 1895, por realizar a primeira exibição pública de filmes, ocorrida no *Grand Café*, em Paris. O material exibido nessa ocasião consistia em filmes de curta duração, mudos e em preto e branco. A gravação da chegada de um trem na estação é a mais conhecida dentre essas produções. Cf.: BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 11-12; TURNER, Graemer. **Cinema como prática social**. Trad. Mauro Silva. São Paulo: Summus Editorial, 1993. p. 11.

Neves de 1897 (LEAL, 2007).⁷ A tecnologia revolucionária se apresentou a primeira vez nestas paragens trazida por mascates e comerciantes vindos do Ceará, que exibiam filmes nos dias de feira (LEAL, 2007, p. 100). Apesar dos registros de tal prática, conhecemos poucos detalhes sobre essas feiras animadas. O jornalista Wills Leal (2007) faz referência a uma casa de exibição que teria funcionado numa casa adaptada no centro da cidade, no ano de 1907, mas não menciona o seu nome, nem quem seriam seus proprietários e administradores.

Na verdade, os primeiros passos do cinema na cidade de Cajazeiras ainda são incertos, é difícil identificar os pioneiros - quem eram, de onde vinham, de quando a quando trabalharam exibindo filmes, em quais ruas da cidade, essas, entre outras questões, dificilmente receberão respostas unânimes.⁸ No entanto, sabemos que durante as décadas de 1920 e 1930 surgiram casas de exibição cinematográfica na cidade que funcionaram em endereço fixo, se manifestando como atração estável para aqueles que queriam e podiam apreciar este novo e interessante fruto da modernidade. Um dos primeiros experimentos desse tipo consistiu na abertura do *Cine Alvorada*, em 1922, organizado pelos esforços de um homem chamado Vanderico.

Anos depois, em 1925, Cajazeiras é dotada de um cinema considerado mais sofisticado, com melhores instalações e com preços mais restritivos, frequentado por um público seletivo. O cinema em questão tratava-se do *Cine Moderno*, empreendimento administrado pelo imigrante libanês João Bechara, junto com Epifânio Sobreira. O próprio nome do estabelecimento nos revela muito sobre a pretensão de seus idealizadores e do público frequentador, formado principalmente por pessoas com poder aquisitivo mais elevado. Esse cinema pretendia se colocar na

⁷ A Festa das Neves era considerada o maior evento religioso, social, político e cultural do estado da Paraíba. Na edição de 1897 deste evento, o dentista italiano Nicola Maria Parente foi o pioneiro a realizar exposições públicas com o cinematógrafo no estado. A nova atração se incorporou ao festival das Neves nas edições seguintes. Cf.: LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba, cinema da Paraíba**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, v. 1, 2007. p. 28.

⁸ Sobre a origem dos cinemas em Cajazeiras, as fontes nas quais esta pesquisa está pautada entram em contradição. Enquanto o escritor Wills Leal afirma que os primeiros a exibirem filmes na cidade foram os mascates cearenses, em 1905, o sociólogo Rozenval Estrela defende que a chegada do cinema em Cajazeiras se deu no ano de 1905 com a inauguração do *Cine Moderno*, cujo proprietário era o imigrante libanês João Bechara. Já a jornalista e socióloga Mariana Moreira contrapõe essas afirmações, defendendo que o primeiro cinema foi o *Cine Alvorada*, aberto em 1922, e que o *Cine Moderno*, de João Bechara, só foi inaugurado em 1925. Cf.: LEAL, Wills. *Idem*; MOREIRA, Mariana. A crise ameaça uma tradição. **Jornal A União**. João Pessoa, 21 de outubro de 1984.; ESTRELA, Rozenval. O cinema de Bechara. **Jornal Cajá hoje**. Cajazeiras, 22 de agosto de 2006.

cidade como um espaço de convivência e sociabilidade elegante, onde o público teria contato com as luzes da modernidade e seus estímulos.

Considerado um ambiente de elite, o *Cine Moderno* possuía uma série de normas de conduta a serem cumpridas pelos seus frequentadores, que desejavam gozar do novo divertimento em um ambiente aconchegante. Em um artigo publicado no jornal *Rio do Peixe*, em 1926, são listadas as exigências que os frequentadores deveriam cumprir:

1º) É proibido fumar nas filas de banco do centro, não só porque este hábito incomoda as exmas. Famílias que sempre preferem esses bancos, como porque prejudica a projeção. 2º) O cinema não funcionará com uma casa inferior a 20 pessoas. 3º) Não haverá orquestra quando a casa for inferior a 50 pessoas.⁹

Na mesma publicação havia ainda um pedido do proprietário apelando para que os presentes respeitasse as famílias de boa moral que frequentavam seu cinema e, claro, que fizessem a bondade de ninguém cuspir no chão.

Em contraposição ao *Cine Moderno*, o professor Hildebrando Leal, também em 1925, instalou o *Cine São José*, que estava vinculado ao Círculo Operário, uma instituição católica da cidade. Nesta casa de exibição os preços eram considerados mais acessíveis à população de baixa renda.

Inseridos em um contexto histórico que oferecia uma série de empecilhos para o estabelecimento de novas tecnologias em cidades de menor porte, os primeiros cinemas criados em Cajazeiras, como experimentos que eram, não demoraram muito para conhecer o ocaso. O *Cine Alvorada* deixou de funcionar cerca de quatro anos após a exibição de sua primeira fita. O *Cine Moderno* e o *Cine São José* encerraram as atividades no ano de 1932, devido, principalmente, às condições climáticas. Nessa época, um difícil período de estiagem assolava a cidade, provocando a migração de muitas pessoas para outros lugares, principalmente rumo à capital do Estado. Em um ambiente onde a economia e o cotidiano estão ligados intimamente à vida agrária, podemos imaginar o quanto ir ao cinema seria uma atividade supérflua e desnecessária, perto da necessidade de subsistir.

No entanto, apesar da passagem fugaz, os referidos cinemas foram capazes de inculcar no cotidiano de parte dos cidadãos o gosto por assistir filmes, criando assim

⁹ O proprietário do cinema moderno. **Jornal Rio do Peixe**, Cajazeiras-PB, 20 de maio de 1926.

um público de cinema em Cajazeiras. O cinema, então, se tornava um empreendimento lucrativo e interessante para aqueles que arriscavam abrir suas próprias casas de exibição. Em 1935, José Lira decidiu retomar com as exibições de filmes na cidade e construiu o *Edifício OK*, localizado na avenida João Pessoa, mesmo espaço onde estavam situados os antigos cinemas, um importante centro comercial e recreativo da cidade.

Considerada uma construção de grande beleza e destaque arquitetônico para a época, o *Edifício Ok* era constituído por dois andares. O *Cine Teatro Éden* estava situado no térreo, enquanto o andar superior dava lugar a um clube dançante, o *Excelsior Clube*. Esse ambiente logo se destacou como um espaço de diversão e sociabilidade, frequentado principalmente pela juventude e considerado até mesmo pelo bispo diocesano, D. João da Mata, um lugar de diversões “sadias” que desviariam os jovens do caminho de recreações libertinas (ROLIM, 2010, p. 74).

As condições de higiene e comportamento nas dependências do *Éden*, em determinados momentos, também provocavam preocupação nos frequentadores, que denunciavam aos meios de comunicação as condições adversas, como podemos perceber em um artigo do *Estado Novo*, de 1941:

Numerosas tem sido, ultimamente, as queixas que nos fazem os habituês do *Cine Teatro Éden*. Solicitam-nos a defesa de seus interesses. Reclamam asseio e higiene no salão da plateia, cujas cadeiras são tão imundas que as pessoas que se sentam com roupa branca, saem com a mesma inutilizada, tal a sujidade que encontra ali.¹⁰

O autor da reportagem, a pedido dos frequentadores, apelou para o então proprietário resolver o problema, dada a importância do cinema como espaço de sociabilidade.

Apesar do sucesso, o *Cine Éden* tem suas atividades interrompidas em 1942, pois a população cajazeirense se viu mais uma vez flagelada pela seca. Entre os migrantes estava o proprietário José Lira, que foi embora da cidade e encerrou, assim, as exibições cinematográficas locais. Em 1945, Higino Pires Ferreira criou uma espécie de sociedade anônima na cidade, com um número de aproximadamente cem sócios, e se tornou o responsável por restaurar as atividades do *Cine Éden*. O cinema agora contava com melhor estrutura técnica e seu novo equipamento permitiu, pela

¹⁰ Com o empresário do Cine-Teatro Eden. **Jornal Estado Novo**, Cajazeiras-PB, 1 de janeiro de 1941.

primeira vez, a exibição de filmes sonoros em Cajazeiras. Esta sociedade anônima se manteve ativa até o ano de 1964.¹¹

Ser ou não ser moderno: a modernidade nas periferias do mundo

De acordo com Leo Charney e Vanessa R. Schwartz (2004), nenhum outro emblema da modernidade personificou tão bem quanto o cinema no período entre o final do século XIX e o início do XX, durante o qual o fenômeno social que conhecemos como modernidade foi gestado. Os autores afirmam que “o cinema tornou-se a expressão e a combinação mais completa dos atributos da modernidade” (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 17-18). Portanto, mediante estas considerações, somos levados a admitir que cinema e modernidade são entidades indissociáveis, onde uma atesta a presença da outra.

Até agora, estamos nos referindo à cidade de Cajazeiras como um espaço moderno, ou que assim se tornou após o significativo crescimento econômico apresentado no início do século XX. Podemos citar uma série de elementos presentes na cidade capazes de atestar o surgimento de “novos tempos”, como as melhorias nos serviços públicos, as modificações no ambiente urbano, o aumento das atividades comerciais, maior circulação de mercadorias e informações e, claro, novas formas de entretenimento que estimulavam o lazer e a sociabilidade urbana, das quais o cinema fez parte.

Contudo, é interessante questionar se estes elementos são suficientes para definir Cajazeiras como uma cidade, de fato, moderna. Já que estamos tratando, aqui, de uma cidade cuja atividade econômica mais importante na época estava ligada diretamente ao setor agrário, onde as inovações e gostos adquiridos e tidos como modernos eram elementos que vinham de fora, exóticos à realidade local. Entretanto, nesta cidade encontramos o cinema, considerado como arauto da modernidade. Para entender melhor a simbiose cinema-modernidade, analisaremos de modo mais

¹¹ Com o encerramento das atividades da sociedade anônima, o Cine Éden passa a ser administrado por Carlos Paulino até 1977, quando então Eduardo Jorge assume a direção do empreendimento até o encerramento definitivo das atividades desse cinema, em 1990. Desde então, Cajazeiras nunca mais possuiu um cinema em atividade. Contemporâneos ao Cine Éden, os cines Pax e Apolo XI, criados respectivamente em 1962 e 1969, eram administrados pela diocese local e encerraram suas atividades em 1988. Com bilheterias cada vez mais minguadas, a atividade cinematográfica se tornou um empreendimento impossível de ser mantido na cidade. MOREIRA, Mariana. A crise ameaça uma tradição... *Op. cit.*; VILAR, Lúcio. O fim dos cinemas no interior. **Jornal Correio da Paraíba**, Cajazeiras, 25 de maio de 1997.

aprofundado como estes conceitos se relacionam e, dessa forma, tentaremos entender o significado de ser moderno nas periferias do mundo.

Durante o século XX os filmes se consolidaram como arte e como objeto de consumo para um público crescente, mas não podemos nos esquecer que a tecnologia que permitiu ao público se maravilhar com as imagens em movimento nasceu no século XIX, período em que ocorreram as grandes transformações sociais provocadas pela modernidade e pela crescente industrialização das sociedades ocidentais. Mencionamos anteriormente que o cinema possui uma relação intrínseca com a modernidade, assim como a modernidade também foi apontada como sendo “cinematográfica” (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 17-18). Essa relação vai muito além de uma simples associação. Não basta classificar o cinema como um mero signo de modernidade, a relação entre os dois conceitos é mais complexa que isso.

Enquanto técnica, o cinema é resultado de uma série de experimentos científicos que objetivavam transformar uma imagem estática em algo que se move. Nesse sentido, a ciência da época desempenhou um trabalho notável. No século XIX essa busca se intensificou a partir do desenvolvimento de técnicas no processo fotográfico. Ismael Xavier (1978) afirma que “durante quase todo um século, química, mecânica, fisiologia, óptica e eletricidade, criaram condições para que tivéssemos a emergência da técnica de registro e projeção cinematográfica” (XAVIER, 1978, p. 19-20).

Mas para além do campo científico, é importante entender qual a demanda social do cinema, por qual razão este experimento óptico, com finalidades a princípio mais científicas do que artísticas (TURNER, 1993, p. 11), se tornou um objeto de desejo e consumo frequente de um público de massa. Vamos tentar entender esses fatores.

Primeiramente, precisamos pensar em um ambiente onde o moderno possa acontecer, um local estratégico onde a modernidade se apresente. Esse ambiente, por excelência, corresponde às cidades, que permitiram um espaço para a circulação de corpos e mercadorias, a troca de olhares e o exercício do consumismo (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 19-21). No contexto histórico do século XIX, não falamos sobre qualquer cidade, mas sobre os grandes centros urbanos que presenciavam a vida se mover em turbilhão por entre ruas e avenidas, onde a realidade material dos espaços conhecidos se alterava constantemente, um ambiente, por excelência, de consumo. No século XIX, vemos surgir cidades verdadeiramente grandes, as metrópoles. Nas

metrópoles, surgiram atrações que se destinavam a um público cada vez mais numeroso e dinâmico. O cinema corresponde, nesse contexto, a uma atração popular para essas as classes urbanas. Portanto, as metrópoles permitiram a existência de uma população urbana, que se torna parte constituinte do público frequentador dos primeiros cinemas (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 19-21).

Outra característica em comum entre as grandes cidades modernas é a quantidade de estímulos visuais e corporais que elas provocam em seus cidadãos, nos milhares de transeuntes que cruzam diariamente suas ruas. A quantidade de informações visuais e sonoras disponíveis em uma cidade como Nova York, produzia um constante estímulo nos indivíduos. Uma figura que se tornou símbolo da modernidade e que pode explicar o fascínio provocado pelos estímulos sensoriais intensos presentes nos grandes centros urbanos corresponde ao *flâneur*, um andarilho urbano que caminha aparentemente sem uma trajetória definida, seguindo o traçado das ruas, imerso na multidão de outros caminhantes. A atividade do *flâneur*, que é ao mesmo tempo corporal e visual, estabeleceu os termos para o público de cinema, pois o corpo desse indivíduo se situa como um polo de constantes estímulos advindos da cidade. Estando ele em constante movimento, sua visão também passeava por entre várias paisagens, monumentos e pessoas. Um indivíduo que caminha em busca da excitação provocada pelo meio externo e o encontra na paisagem mutável da cidade, antecipa a experiência do espectador de cinema, quando este se encontra concentrado nas imagens que também desfilam à sua frente (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 21-22).

Para auxiliar nosso entendimento de como cinema e a modernidade estão relacionados, podemos indicar um fenômeno fascinante da nova percepção moderna da realidade, quando esta é somente percebida através de suas representações. Depois do advento da fotografia, a realidade dos acontecimentos cotidianos era captada com maior nitidez, uma série de eventos foi documentada dessa forma, fazendo com que o público da cidade moderna começasse a associar determinados acontecimentos às suas representações pictóricas, os reconhecendo como legítimos somente por meio de uma comprovação midiática. A relação entre realidade e representação era notável na Paris do século XIX, quando grande parte das atrações (museus de cera, panoramas, imprensa de massa e exibição pública de cadáveres no necrotério de Paris) que cativavam as massas eram entretenimentos que tentavam reproduzir a sensação de realismo. Com o cinema não foi diferente, o público buscava

ao assistir as exposições, sentir aquela sensação de realidade simulada que estava tão em voga (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 24-25).

Em todas as atrações citadas, podemos perceber uma colaboração entre narrativa e visualidade, com a intenção de canalizar a atenção instável e fugidia do público moderno, transformando os sujeitos não somente em meros expectadores, mas também em consumidores. O cinema, assim como os demais espetáculos eram empreitadas comerciais que visavam o lucro, tendo em vista a receptividade do público de massas presente nas metrópoles. É o consumismo assumindo o protagonismo da vida moderna (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 25).

Portanto, percebemos a razão pela qual Charney e Schwartz (2004) classificam a modernidade como sendo “cinematográfica antes do cinema”. Antes da invenção do cinema, todos os elementos sociais que permitiram que esta nova tecnologia fosse uma atração bem-sucedida, já estavam presentes no contexto social do século XIX. A população das metrópoles crescia, gestando assim um público em potencial para a nova atração. Antes do cinema, este público urbano frequentava espetáculos que além de provocar o estímulo constante das sensações corporais e visuais propunham apresentar uma narrativa realista. Vemos a importância cada vez maior da imagem, da representação para atestar a realidade. Portanto, o que o cinema fez foi concentrar, em si mesmo, todo um conjunto de realidades sociais existentes nas cidades modernas do século XIX, se configurando assim como o ícone mais representativo e simbólico do mundo moderno (CHARNEY; SCHWARTZ, 2004, p. 27-28).

Após o exposto, podemos finalmente questionar a presença real da modernidade em uma cidade de porte reduzido como Cajazeiras, assim também como nas demais cidades do interior paraibano, que vivenciaram no início do século XX um processo de modernização semelhante. Gervásio Aranha (2005) considera que não é possível caracterizar as cidades localizadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil como modernas se compararmos o ritmo social presente nelas com a celeridade e crescimento econômico que caracteriza a dinâmica social presente em grandes cidades como Londres e Paris, que representaram verdadeiros modelos de modernização para outras cidades no mundo (ARANHA, 2005, p. 81). Para as cidades situadas na parte Norte do país, por exemplo, há um limite em relação ao tamanho físico que precisa ser considerado. Portanto, a proposta do autor consiste em que não podemos admitir a presença de um estilo de vida moderno para as regiões Norte e

Nordeste levando em conta apenas o ritmo social, que não pode e não deve ser comparado à dinâmica frenética das grandes metrópoles. Mas, podemos, sim, considerar esses espaços modernos ao analisar os impactos que as conquistas materiais provocaram nestes, o que apresentamos anteriormente como os signos de modernidade que transformaram o cotidiano e instigaram a imaginação dos moradores das pequenas cidades (ARANHA, 2005, p. 79).

A modernidade, como vimos, impõe à vida uma dinâmica diferenciada, um ritmo mais célere, representando uma ruptura em relação ao que era conhecido e praticado anteriormente. No entanto, o processo de modernização não implica simplesmente em fascínio ou em melhoria na vida dos habitantes da cidade. De acordo com Marshall Berman (1986), um dos efeitos característicos da modernidade costuma ser a negação da própria condição moderna. Isso significa que as mudanças provocadas pelo progresso econômico produzem efeitos contrários, reações da parte de quem percebe o potencial do processo de modernização em ameaçar o que está em volta, do rompimento de certezas e tradições que mantinham a coesão social. Essas mudanças são responsáveis por mudanças de crenças e valores, de comportamentos e hábitos, pela difusão de novos gostos e modas e pelo sentimento de deslocamento, de alteração do mundo em volta, provocando a vertigem moderna, um fenômeno cultural que acomete mais o modo de ser e viver das pessoas do que as estruturas da cidade (BERMAN, 1986, p. 13-14).

Como citamos anteriormente, os signos de modernidade na cidade de Cajazeiras tiveram que coexistir com signos que representavam a tradição, a ordem local. Essa coexistência nem sempre foi amistosa, provocando tensões rotineiras. Podemos citar alguns exemplos locais das tensões provocadas pela emergência do “novo” em uma sociedade pautada pelo “velho”. Percebemos essa ambiguidade presente nas publicações da revista *Flor de Liz*, uma publicação de orientação católica que circulou em Cajazeiras entre as décadas de 1920 e 1930, cujos artigos eram escritos por mulheres. Para estabelecer a questão, apresentaremos dois artigos publicados nessa revista que estabelecem entre si posicionamentos ambíguos sobre os efeitos da modernidade e da modernização. O primeiro, de autoria de Maria Lustosa, publicado em 1927 sob o título de *“Enquete” feminina*, questionava as vantagens da educação e instrução femininas, e se posicionava favoravelmente a esta questão:

A instrução não é privilégio do sexo forte. Por meio dela vemos grandes conquistas, verdadeiros rasgos de felicidade, e em que a mulher cria em torno de si pelas suas faculdades e pelo seu trabalho, uma atmosfera calma e sadia. Por isto tem em qualquer parte um lugar que bem lhe cabe (**Revista Flor de Liz**, Cajazeiras-PB, abril de 1927).

O segundo artigo, escrito por Maria das Dores em janeiro de 1931, advogava contra o que a autora denominava de “modernismo”. De acordo com Maria das Dores,

o modernismo tratado, hoje, em todos os recantos do universo, está em verdadeira oposição com a moral cristã e com a nobre e sublime virtude angelical – a pureza – tão descuidada por aqueles que se dizem modernos e progressistas. Os livrinhos cristãos incluindo os dos grandes santos e doutores da Igreja Católica sempre enalteceram a pureza, dizendo que ela torna as almas humanas semelhantes aos anjos.[...] Infelizmente, a encantadora virtude angelical está passando por grande decadência nestes dias em que os homens na mór parte, cuidam no modernismo. Ela caminha em decadência, devido às más escolas do cinema e das modas imorais, que hoje escravizam o mundo inteiro e que reinam até nas famílias cristãs e nas jovens de reconhecida piedade (**Revista Flor de Liz**, Cajazeiras-PB, janeiro de 1931).

Diante dos dois textos percebemos vozes dissonantes em relação aos efeitos da modernização. De um lado temos uma autora que tece críticas à sociedade patriarcal ao reclamar participação ativa da mulher na vida pública e defender mais espaço feminino na educação e em outros meios. Do outro, a autora teme os efeitos da modernização, aponta os males que as suas modas e vícios provocavam na juventude cristã e de boa família. O próprio cinema é apontado como um dos veículos corruptores da sociedade, pois exibiam situações escandalosas à sua audiência, como beijos ou outros gestos íntimos.

Considerações finais

Para finalmente apresentar uma proposição sobre a validade de atribuir a Cajazeiras o título de cidade moderna, podemos afirmar que esta cidade desenvolveu contato com a modernidade sendo moderna perante seus próprios moldes, distante dos padrões de desenvolvimento e crescimento presentes nos grandes centros urbanos nacionais e estrangeiros, mas que utilizou desses padrões como referência de civilidade e assumiu influências externas, modelos de comportamento e inovações que aos poucos se estabeleceram no cotidiano dos cidadãos, provocando modificações sensíveis que já discutimos anteriormente, como maior oferta de

mercadorias, maior velocidade nos transportes, maior circulação de informações e conhecimento, além de novas práticas culturais e de lazer. Nesse sentido, Aranha (2005) defende que o contato com tais conquistas materiais, que correspondem a ícones de valor universal, já é o suficiente para afirmar que a cidade é moderna ou que se encontra em sintonia com o processo de modernização. O cinema se insere nesse contexto de desenvolvimento material, representando ao mesmo tempo o fascínio e o espanto causado pelas inovações que tomavam a sociedade local de assalto. Cajazeiras não possuía as mesmas características que permitiram a gestação do cinema, como aqueles elementos (cultura de massas, estímulos constantes, atrações realistas que reproduziam narrativas, consumismo) que estavam presentes na sociedade europeia e nos Estados Unidos, mas, através desse contato, o cinema se configurou como um novo elemento presente na cidade e que se mostrou capaz de estimular, além de entretenimento, relações de sociabilidade que permitiram vivenciar o espaço urbano de formas diferentes, não possíveis anteriormente.

Fontes

COM O EMPRESÁRIO DO CINE-TEATRO EDEN. **Jornal Estado Novo**, Cajazeiras-PB, 1 de janeiro de 1941.

DORES, Maria das. Modernismo. **Revista Flor de Liz**, Cajazeiras-PB, janeiro de 1931.

ESTRELA, Rozenval. O cinema de Bechara. **Jornal Cajá hoje**, Cajazeiras, 22 de agosto de 2006.

MOREIRA, Mariana. A crise ameaça uma tradição. **Jornal A União**. João Pessoa, 21 de outubro de 1984.

O PROPRIETÁRIO DO CINEMA MODERNO. **Jornal Rio do Peixe**, Cajazeiras-PB, 20 de maio de 1926.

TAVARES, Rosinha M. "Enquete" feminina. **Revista Flor de Liz**, Cajazeiras-PB, abril de 1927.

Referências

ARANHA, Gervásio Batista. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). *In: Ó, Alarcon Agra do; SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de; SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. et. al. A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 79-132.*

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema.** 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CALISTO, Fernanda Pereira. **Cine Éden: cinema e história em Cajazeiras (1970-1980).** Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras, 2014. 74f.

CEBALLOS, Viviane Gomes de. Signos de modernidade em falas que edificam uma cidade: Houston na década de 1970. *In*: LOBO, Isamarç Gonçalves; CEBALLOS, Viviane Gomes de (Orgs). **Perspectivas plurais no espaço e tempo.** Cajazeiras: EDUFCG/ Gráfica Real, 2018. p. 147-168.

CHARNEY, Leo. SCHWARTZ, Vanessa R. Introdução. *In*: CHARNEY, Leo. SCHWARTZ, Vanessa R. (Orgs). **O cinema e a invenção da vida moderna.** Trad. Regina Thompson. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 17-29.

LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba, cinema da Paraíba.** João Pessoa: Gráfica Santa Marta, v. 1, 2007.

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio Arquitetônico de Cajazeiras-PB: memórias, políticas públicas e educação patrimonial.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. 146 f.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno.** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. 336 f.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social.** Trad. Mauro Silva. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

XAVIER, Ismail. **Sétima arte: um culto moderno.** São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

José Antônio da Silva Neto

Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/5707116444041781>

Viviane Gomes de Ceballos

Prof.^a Dr.^a no Centro de Formação de Professores, curso de licenciatura em História, da Universidade Federal de Campina Grande (Cajazeiras-PB).

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/0486267299077533>

Artigo recebido em: 16 de agosto de 2021.

Artigo aprovado em: 08 de novembro de 2021.